

## Genealogia do capitalismo?<sup>1</sup>

Wolfgang Lenk<sup>2</sup>

*“Gosta-se de acreditar que as coisas em seu início se encontram em estado de perfeição; que elas saíram brilhantes das mãos do criador, ou na luz sem sombra da primeira manhã. A origem está sempre antes da queda, antes do corpo, antes do mundo e do tempo; ela está do lado dos deuses, e para narrá-los se conta sempre uma teogonia. Mas o começo histórico é baixo. Não no sentido de modesto ou de discreto como o passo da pomba, mas de derrisório, de irônico, próprio a desfazer todas as ênfatuações” (Foucault, 1976: 18).*

É muito bem vinda esta hábil tradução de Vera Ribeiro para *The origin of capitalism*, trabalho de Ellen Meiksins Wood publicado originalmente em 1999. Trata-se de uma obra estruturada em torno da tese do “capitalismo agrário”, de Robert Brenner, e da “sociedade de mercado”, de Karl Polanyi, e que faz um balanço das interpretações das origens do capitalismo (naturalmente influenciadas pelas diferentes interpretações do próprio sistema capitalista). Apesar de conter graves defeitos, é uma obra bem vinda porque chega em um momento de ofensiva e disseminação da ortodoxia do pensamento econômico, pensamento este que naturaliza a moral capitalista pela inserção dos seus valores (em verdade constituídos historicamente) no comportamento “normal” da espécie humana.<sup>3</sup> Justamente, *A origem do capitalismo* teve o objetivo de filtrar essa concepção naturalista dos estudos históricos sobre a formação do capitalismo para abordar o problema de maneira menos anacrônica – “questionar a colocação do capitalismo como algo natural e destacar suas maneiras particulares de representar uma forma social historicamente específica, bem como ruptura com formas sociais anteriores” (Wood, 2001: 17). Isto é realizado na primeira parte do livro, *Versões históricas da transição*.

Em primeiro lugar, Ellen Wood critica o “modelo mercantil” da transição do feudalismo para o capitalismo. Este último é então concebido como “resultado natural de práticas humanas quase tão antigas quanto a própria espécie, e que requereu apenas a eliminação de obstáculos externos que impediam a sua materialização” (Wood, 2001: 21). Assim interpretada, a História tem no capitalismo

---

1 Resenha elaborada a partir de Wood (2001).

2 Mestrando em História Econômica – Unicamp. Instituto de Economia (IE).

3 Em um inominável artigo publicado numa respeitada revista semanal, publicada em dezembro de 2000, um renomado professor de Ciência Econômica chegou ao ponto de afirmar que o homem tem “capitalismo no sangue”, e que o próprio vocábulo *capitalismo* é indigno de tão antigo e inelutável comportamento humano. Contudo, deixemos aqui de lado esta sorte de vulgaridades.

o seu *telos*, seu devir inescapável escrito no livro do destino. Não é necessário dizer que os arautos do “modelo mercantil” são aqueles que vêem no capitalismo a realização da vocação natural dos homens para a permuta, e para quem a Revolução Industrial e a ascensão do sistema capitalista deveu-se ao rompimento dos grilhões políticos, culturais ou religiosos que restringiam este comportamento. Ellen Wood imediatamente desqualifica este modelo como interpretação da formação do capitalismo porque falha em explicar a constituição (ou até mesmo a existência) das especificidades do mercado, da troca e da economia capitalista – o capitalismo não tem origem porque sempre esteve por aí. Este modelo, portanto, está fadado ao fracasso pois parte de uma interpretação equivocada e acrítica do próprio sistema que orienta a ordem social deste a Revolução Industrial. Todavia, Ellen Wood destaca, entre os estudos não-marxistas do capitalismo, o trabalho de Karl Polanyi. Ela credita a este uma boa visão das especificidades do capitalismo – uma motivação econômica distinta das relações não-econômicas, uma sociedade apêndice do mercado onde homem e natureza são mercadorias – mas critica sua interpretação da formação desta “sociedade de mercado”. Ellen Wood afirma que Karl Polanyi, ao explicar a transição pelo progresso da Revolução Industrial, cai num excessivo e reprovável determinismo tecnológico que na caminha ‘de mãos dadas’ com a expansão mercantil (Wood, 2001: 33-34). Por sua vez, Ellen Wood pretenderá entender o progresso tecnológico e a Revolução Industrial a partir do estabelecimento da sociedade de mercado, que aparece mais como causa do que como efeito neste processo.

Uma interpretação sustentável da origem do capitalismo deve partir de uma melhor concepção do sistema capitalista em si. A antítese (ou a crítica) do modelo mercantil “seria uma concepção do mercado capitalista que reconhecesse plenamente seus imperativos e compulsões, ao mesmo tempo reconhecendo que estes próprios imperativos radicam-se não numa lei natural transistórica, mas em relações sociais historicamente específicas, constituídas pelas ações humanas e sujeitas a mudanças” (Wood, 2001: 35). Essencialmente, é preciso entender a ascensão do mercado capitalista não pelo histórico das oportunidades de acumulação primitiva, mas pelo aparecimento da necessidade compulsiva desta acumulação.

Contudo, não é isto que Ellen Wood encontra nos primeiros debates marxistas sobre a transição, notavelmente nos argumentos de Maurice Dobb e Paul Sweezy, que segundo ela acabam por fazer concessões ao modelo mercantil. O debate entre estes homens permaneceu em torno do “motor principal” da transição: para Dobb, este deveria ser interno ao funcionamento da sociedade feudal, das suas contradições e da sua dinâmica da luta de classes; para Sweezy, mudanças sociais não eram da natureza do feudalismo, portanto a ruptura do mesmo deveria partir de fatores externos a ele, papel este cumprido pela expansão do comércio conforme Henri Pirenne. Para Ellen Wood, neste debate o modelo mercantil é atacado por Dobb e Hilton e defendido por Paul Sweezy – entretanto, e esta é a crítica mais contundente da autora ao debate, “Dobb parece *mais* inclinado do que Sweezy a tratar da dissolução do feudalismo como tendo sido, essencialmente, o mesmo

processo da ascensão do capitalismo” (Wood, 2001 – Grifo no original). Isto quer dizer que um dos pressupostos cruciais da explicação do modelo mercantil para a transição permanece na explicação de Dobb e Hilton: o de que o capitalismo surgiu quando romperam os obstáculos à sua realização plena.<sup>4</sup> O mercado capitalista continua sendo visto como um espaço de oportunidade de acumulação, e não como o imperativo de uma acumulação compulsiva. Assim, a ascensão e a generalização do poder deste mercado continua concebida menos pelo desenvolvimento histórico de suas especificidades do que pelo desmanche dos seus principais impedimentos. Esta mesma crítica Ellen Wood faz à visão de Perry Anderson, de que o Estado absolutista é o responsável pela separação entre economia e política enquanto esferas da vida em sociedade – vale dizer, a separação do processo de exploração econômica do de coerção política. Ellen Wood afirma que “há problemas empíricos sérios nessa abordagem do absolutismo como fase aparentemente essencial da transição” (Wood, 2001: 43). Essencialmente, sua crítica a Anderson é a mesma que faz a Dobb, Hilton e Sweezy: todos presumem exatamente aquilo que precisa ser explicado, como o comércio (ou a produção mercantil) transforma-se em capitalismo. Essa é a questão angular aqui e que, segundo Ellen Wood, foi escamoteada pelos pensadores tanto do modelo mercantil como do debate marxista, cujo primeiro esboço de solução partiu de Robert Brenner:

“A luta de classes figura com destaque em sua argumentação, como fizeram nas de Dobb e Hilton; com Brenner, no entanto, não se trata de libertar um impulso para o capitalismo. Antes, trata-se de os senhores e os camponeses, em algumas condições específicas que foram peculiares da Inglaterra, dispararem involuntariamente uma dinâmica capitalista, enquanto, no conflito de classe uns com os outros, agiam no sentido de se reproduzirem *como eram*. A consequência não pretendida foi uma situação em que os produtores ficaram sujeitos aos imperativos do mercado. Portanto, Brenner realmente se afastou do antigo modelo e de sua tendência a presumir justamente aquilo que precisa ser explicado” (Wood, 2001: 52 – Grifo no original).

Em poucas palavras, o que Ellen Wood chama de “disparo” da dinâmica capitalista foi a constituição de um mercado imobiliário na Inglaterra dos séculos XVI e XVII, onde grande parcela da terra pertencia a latifundiários e era trabalhada por seus arrendatários, donos da produção mas pagando em dinheiro o arrendamento. Ao contrário da aristocracia francesa, a classe dominante inglesa era dependente do aumento de produtividade de seus arrendatários (por não dispor de um aparelho coercitivo para aumentar a extorsão do excedente), e deste modo presa à produção mercantil pelo intermédio do arrendatário

A visão de Brenner da transição é incorporada por inteiro pelo trabalho de Ellen Wood, que usa o “capitalismo agrário” como solução para sua busca da

---

4 Nota de Eduardo Barros Mariutti (de agora em diante, E.B.M.). Esta é exatamente a crítica de Brenner à Dobb. Cf. Brenner (1978).

“origem” do capitalismo.<sup>5</sup> Suas críticas a esta interpretação são pontuais ou meras sugestões de linhas de pesquisa. Acredita que deve ser adicionada à visão de Brenner a lógica da expansão comercial, não conforme o modelo mercantil, mas para compreender a inserção da Inglaterra nas redes de acumulação primitiva da Época Moderna<sup>6</sup>. Outra questão que levanta é da a contribuição do sistema estatal absolutista para o desenvolvimento do capitalismo inglês. No entanto, embora atente para a importância destes dois temas, Ellen Wood tende a renegá-los a um papel secundário na transição: “Juntos, o sistema de comércio e o sistema estatal funcionaram como o conduto pelo qual a Inglaterra acabou conseguindo transmitir suas pressões competitivas para outros Estados e economias” (Wood, 2001: 64), mas eles não aparecem na sua explicação da origem do capitalismo propriamente dita – o que virá a prejudicar o raciocínio de Ellen Wood na segunda parte de seu trabalho, *A origem do capitalismo*.

Quando busca construir a sua própria visão da transição do feudalismo para o capitalismo, a aproximação do problema que a autora desenvolve compromete toda a estrutura de sua interpretação: apesar da sua consciência de que a formação do capitalismo deve ser estudada através da formação das especificidades da luta de classes no sistema capitalista (a exploração do trabalho por meios econômicos, através da mercantilização imperativa de força de trabalho e da produção, e a também imperativa acumulação do capital), Ellen Wood considera que

“os longos e complexos processos históricos que acabaram levando a essa situação de dependência do mercado poderiam ser *indefinidamente* recuados no tempo até as suas origens. Mas podemos tornar a questão mais fácil de manejar, identificando a primeira época e lugar em que uma nova dinâmica social de dependência do mercado foi claramente discernível” (Wood, 2001: 79 – Grifo meu).

Neste trecho, onde está melhor exposto o procedimento de Ellen Wood para reconstruir a “origem” do capitalismo, aparece a fratura que compromete sua interpretação em seus fundamentos. Ela se recusa a reconstituir, desde “as suas origens”, os processos históricos que levaram os produtores a depender do mercado, seja por serem *longos* (passíveis de serem recuados *indefinidamente* no tempo, o que implica na volta ao modelo mercantil), seja por serem *complexos* (sinalizando alguma indisposição para resolver o problema), e assume que pode simplesmente apontar a primeira situação histórica de dependência do mercado. De uma ou de outra maneira, ela está presa a uma concepção teleológica da história, pois vê o capitalismo como evento fadado a acontecer – suas origens, distantes para além da vista, ocultam uma tendência imanente à situação de dependência do mercado (em

---

5 Ellen Wood ainda faz um levantamento das objeções que foram postas aos trabalhos de Robert Brenner, rebatendo, uma por uma, as críticas de Guy Bois, La Roy Ladurie, R. H. Hilton e Perry Anderson (Wood, 2001: 55-64). Não convém entrar nestes pontos aqui, onde se pretende por a visão específica de Ellen Wood em foco.

6 (Nota de E.B.M.). Isso realmente falta na interpretação de Brenner. Ele chega perto disso em *Merchants and revolution*, quando discute os *novos mercadores*. Mas ele não avança muito nesta direção.

última instância, portanto, Ellen Wood não realiza o que o título de seu livro promete), e, depois de estabelecida, esta dependência está fadada a se expandir em todas as esferas da vida humana. Embora a ascensão do capitalismo não seja mais explicada pelo rompimento dos obstáculos à sua realização, ela é agora interpretada como um incêndio que se inicia como um cigarro no mato seco e se espalha pelo mundo comendo solto, impondo as suas regras de funcionamento da economia. Quem jogou o cigarro? Ora, essa é uma questão indefinidamente longa e complexa...

Quais são enfim as conseqüências desta falha de método para o estudo da “origem” do capitalismo?<sup>7</sup>

No centro da explicação, como célula primordial da dinâmica capitalista e do imperativo do mercado, o “capitalismo agrário” é profundamente discutido por Ellen Wood. Este aparece a partir das peculiaridades da Inglaterra do século XVI: um estado precocemente unificado pela coesão política da elite normanda, que também precocemente se desmilitarizara, o que provoca uma permuta de interesses entre a centralização do poder estatal e o controle da terra pela aristocracia, resultando na concentração fundiária que alavancou os arrendamentos como relação de produção no meio rural. Por um lado, os proprietários (privados de meios coercitivos) tornaram-se dependentes da produtividade de suas terras; por outro, os arrendatários viram-se pressionados cada vez mais pelos proprietários e pelo mercado ao qual se destinava sua produção. O desenvolvimento dos arrendamentos em moeda demonstra que este mercado apresentava-se já como um imperativo mais que como uma oportunidade de ganho. Como resultado deste imperativo, e em face da ofensiva da aristocracia rural contra as terras consuetudinárias, arrendatários e trabalhadores rurais viram-se à mercê de sua produtividade – em última instância, somariam-se às classes não-proprietárias, excluídos dos seus meios de produção: “o resultado foi a famosa tríade composta por latifundiários, arrendatários capitalistas e trabalhadores assalariados, e, com o crescimento do trabalho assalariado, as pressões para aumentar a produtividade da mão-de-obra também se intensificaram” (Wood, 2001: 86). Ellen Wood então faz um paralelo deste processo com a ascensão da propriedade capitalista, mostrando como a ética do *improvement*, do melhoramento da terra associado à sua lucratividade, vai adquirindo as cores do iluminismo bretão enquanto associava trabalho com propriedade privada (p. 88-90). Este processo culminou com John Locke.

Muito embora esta interpretação do capitalismo agrário, em grande parte creditada aos trabalhos de Robert Brenner, seja essencial para o entendimento da formação da sociedade capitalista e da Revolução Industrial na Inglaterra, a continuação do trabalho de Ellen Wood é um esforço de generalização deste quadro particular. Depois de estabelecer a célula primordial, a “origem” do capitalismo, a autora afirma, sem conseguir explicar como, que “a lógica singular e sem

---

7 Não pretendemos entrar aqui num debate filosófico sobre a autoridade de se apontar origens para as estruturas sociais históricas – vamos assumir que uma genealogia do capitalismo é possível, desde que não seja anacrônica.

precedentes do capitalismo agrário fez-se sentir em todas as esferas da vida econômica” (Wood, 2001: 106). Esta nova “lógica” determinou a dinâmica vitoriosa da Inglaterra na competição interestatal moderna, levando-a a criar uma nova forma de exploração territorial: o colonialismo. Sabemos, entretanto, que o colonialismo inglês não foi o primeiro, nem mesmo na produção em grande escala para o mercado europeu – os portugueses já praticavam esse sistema de geração de riqueza em Pernambuco desde fins do século XVI. Ellen Wood chega a descaracterizar (ou ignorar) todas as especificidades do absolutismo e da Época Moderna: para ela, tratam-se de nações fechadas em si mesmas, cada uma com a sua solução particular para a crise do feudalismo, à espera da Revolução Industrial. “Nações que ainda agiam com base em princípios pré-capitalistas de comércio, ou numa rivalidade geopolítica e militar que mal diferia, em princípio, dos antigos conflitos feudais pelo território e pela pilhagem, foram guiadas pelas novas vantagens competitivas da Inglaterra a promover seu próprio desenvolvimento econômico em moldes semelhantes” (p. 110). Esta última afirmação está particularmente carregada de equívocos: o equilíbrio europeu da época moderna não era nem de longe determinado pelos mesmos princípios feudais. Essencialmente, as guerras medievais eram disputas entre suseranos (com seus vassalos e séquitos pessoais), em último caso para expandir a cristandade, enquanto as guerras modernas ideais são guerras interestatais, com exércitos permanentes. Igualmente equivocada é a assertiva sobre o pioneirismo inglês na mobilização para a conquista de objetivos econômicos: a Holanda fora ainda mais adiante, no início do século XVII, com companhias comerciais armadas unicamente em nome do lucro.<sup>8</sup>

Em suma, não é possível explicar a ascensão da dependência do mercado apenas pelo seu aparecimento em dado local e em dado momento. É preciso entender a formação do capitalismo, do mercado enquanto vínculo principal da sociedade, a partir das condições e contradições gerais da sociedade pré-capitalista: a sociedade moderna, pós-feudal. Mesmo que Ellen Wood tenha habilmente separado a ascensão do capitalismo da crise do feudalismo, a primeira é indissociável da crise do absolutismo, enquanto a segunda é indistinta da ascensão do mesmo. Em outras palavras, o absolutismo é o *motor* da transição: ele desponta na Europa como solução para as sociedades assoladas pela crise do feudalismo (e como oportunidade de poder absoluto para os príncipes); desenvolve-se na luta pelo poder entre as monarquias estatais, manifestando-se na política econômica das mesmas através do mercantilismo; e é derrubado pelas Revoluções burguesas e industriais, vítima do próprio jogo que criou, a economia-mundo. Sem dúvida alguma, o capitalismo agrário deve ser entendido como a raiz desta ruptura, a ascensão da sociedade predominantemente mercantil. Mas apenas sob hipóteses constrangedoras, como as de

---

8 O livro contém inclusive um erro gravíssimo de conceito: “O Estado absolutista era um instrumento centralizado de extorsão extra-econômica da mais-valia”. Por mais-valia devia-se ler excedente. Ainda assim, esta visão do absolutismo é limitada, pois o Rei absolutista é muito mais que um instrumento da elite que o cerca – ele é um fim em si mesmo.

Ellen Wood, pode ser considerado com exclusividade como a “origem” do capitalismo. A conclusão deste seu trabalho é que o capitalismo desde suas origens foi um horror da humanidade, desde o início envolvido diretamente com desapropriação, extinção de direitos consuetudinários, imposição de imperativos de mercado e destruição ambiental – modestamente, acredito que não seja necessário explicar a origem do capitalismo para averiguar tais realidades. Todavia, a tradução de *The origin of capitalism* carrega os méritos de combater veementemente as visões ideológicas e acríicas do capitalismo (da inexistência do mesmo, na verdade), com uma argumentação sólida a ponto de enrubescer o pensamento ortodoxo, e de chamar a atenção dos leitores para um autor que, apesar da extrema relevância de suas reflexões, é muito pouco conhecido no Brasil. Aliás, quando vai sair uma tradução das obras de Robert Brenner?

#### **Referências bibliográficas**

- BRENNER, Robert. Dobb on the transition from feudalism to capitalism. *Cambridge Journal of Economics*, n. 2, Jun. 1978.
- FOUCALT, Michel. Nietzsche, genealogia e a história. In: MICROFÍSICA do poder. Org. e Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 18.
- HOBSBAWM, Eric. La crisis del siglo XVII. In: ASTON, Trevor (Org.). *Crisis en Europa, 1560-1660*. Trad. esp. de Manuel Rodriguez Alonso. Madrid: Alianza, 1983.
- WOOD, Ellen Meiksins. *A origem do capitalismo*. Trad. de Vera Ribeiro. Apres. de Emir Sader. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.